

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Bruno Almeida Borges

A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA NOS SALMOS PENITENCIAIS

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Bruno Almeida Borges

A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA NOS SALMOS PENITENCIAIS

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Pastorais. Orientador Professor Dr. Dario de Araújo Cardoso.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B732p	Borges, Bruno Almeida. A Pregação Cristocêntrica nos Salmos Penitenciais : [recurso eletrônico] / Bruno Almeida Borges. 13 KB ; Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Prof. dr. Dario de Araújo Cardoso. Referências Bibliográficas: f. 32-33. 1. Pregação Cristocêntrica; Salmos Penitenciais; Perdão De Pecados. I. Cardoso, Prof. dr. Dario de Araújo, <i>orientador(a)</i> . II. Título.
-------	--

Bruno Almeida Borges

A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA NOS SALMOS PENITENCIAIS

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Pastorais. Orientador Professor Dr. Dario de Araújo Cardoso.

Aprovação 12 / 11 / 2022

Orientador: Prof. Dr. Dario de Araújo Cardoso.

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Bruno Almeida Borges**

Programa: Magister Divinitatis

Título do Trabalho: A Pregação Cristocêntrica nos Salmos Penitenciais

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DOS SALMOS PENITENCIAIS DENTRO DO CONTEXTO DA ANTIGA ALIANÇA	8
1.1 <i>O homem nasce em pecado</i>	12
1.2 <i>O servo de Deus peca contra o Senhor e necessita do perdão</i>	13
1.3 <i>O pecado causa aflição e tristeza ao servo de Deus</i>	15
1.4 <i>O crente espera ser restaurado por Deus após pecar</i>	16
2. A FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DOS SALMOS PENITENCIAIS DENTRO DO CONTEXTO DA NOVA ALIANÇA	17
2.1 <i>A justificação é mediante a fé sem as obras da Lei</i>	20
2.2 <i>Jesus Cristo é aquele que redime os homens de todas as suas iniquidades</i>	23
3. A IMPORTÂNCIA DA PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA NOS SALMOS PENITENCIAIS	25
3.1 <i>O uso dos salmos penitenciais na história da Igreja Cristã</i>	25
3.2 <i>A importância dos salmos penitenciais para os cristãos</i>	26
3.3 <i>Elementos indispensáveis na pregação cristocêntrica nos salmos penitenciais</i>	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
BIBLIOGRAFIA	33

A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA NOS SALMOS PENITENCIAIS

*Bruno Almeida Borges**

RESUMO

Os salmos penitenciais têm sido instrumento de orientação e consolo para o povo de Deus na história, pois estes ensinam como lidar com a eventual quebra da Lei de Deus e a busca pela restauração. Nesse contexto é necessário que os pregadores cristãos saibam como expor esses textos da maneira devida, para que assim a igreja de Cristo seja corretamente orientada sobre essas porções da Palavra de Deus e assim aprendam o caminho da restauração depois de pecar. O presente artigo propõe tratar sobre a teologia que direcionou os escritores desses salmos, como que os autores do Novo Testamento se apropriaram deles para ensinar os crentes, e, por fim, propor pontos essenciais para uma pregação cristã nessa coleção de salmos.

PALAVRAS-CHAVE

Pregação cristocêntrica; Salmos penitenciais; Perdão de pecados.

INTRODUÇÃO

A pregação tem sido o instrumento de Deus para conversão dos incrédulos como também para a instrução, consolo e admoestação dos que já têm a fé salvadora. Nesse contexto dos convertidos, a pregação também visa orientá-los nas diversas circunstâncias da sua vida a saber como lidar com os sentimentos que tomam o seu coração. Como instrumento para esse cuidado, os salmos, de maneira especial, têm sido utilizados pelos pregadores para apascentar os crentes, pois esse livro da Bíblia trata sobre a gama de situações e sentimentos que os crentes enfrentam. Não é sem motivo que o reformador João Calvino, na introdução ao seu comentário dos salmos, chamou o saltério de “uma anatomia de todas as partes da alma”¹, assim, por meio dos salmos, os pregadores têm ferramentas diversas para pastorear o coração dos eleitos de Deus.

Dentre as situações que os crentes lidam na vida presente está a queda em algum pecado e o conseqüente sentimento de tristeza gerado por terem transgredido a Lei do Senhor. Em

* O autor é mestrando em Estudos Teológicos Pastorais pelo Centro Presbiteriana de Pós-graduação Andrew Jumper, Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdades Integradas Olga Mettig, Pós-graduado em Teologia Sistemática pelo Seminário Presbiteriano do Norte, Licenciado em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira e Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte.

¹ CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. Vol. 1. São Paulo: Edições Paracletos, 1999. p. 33.

ocasiões como essas, uma coleção de salmos, chamada de salmos penitenciais, refletem esse momento na vida do cristão, e os orienta a como lidar com o pecado e as suas consequências. O Dr. Augustus Nicodemus define os salmos penitenciais como sendo aqueles em que o autor, por estar quebrantado, derrama o coração diante de Deus, pois está arrependido e desejoso pelo perdão de Deus.² Essa coleção de salmos está espalhada no saltério e são basicamente sete, a saber os salmos: 6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143. “Até onde podemos investigar, Agostinho (354-430) seguido por Cassiodoro (c.485-585) são os primeiros comentaristas a agruparem os salmos penitenciais como salmos de confissão”.³ Sobre a autoria dos salmos penitenciais se percebe que Davi é o autor de pelo menos 5 deles (6, 32, 38, 51 e 143) já os salmos 102 e 130 têm a sua autoria incerta.

Visto que esses salmos são cânticos do povo da antiga aliança, povo esse que ainda não havia vislumbrado claramente a salvação em Jesus, surge então a necessidade de compreendê-los corretamente à luz da pessoa, vida e obra de Cristo. O Senhor Jesus ensinou que as Escrituras testificam sobre ele (Jo 5.39; Lc 24.27), dessa forma o objetivo do presente trabalho é buscar discorrer sobre como que os pregadores cristãos podem pregar nos salmos penitenciais de maneira cristocêntrica, ou seja, expor esses salmos de tal forma que a compreensão do ouvinte na pregação passe diretamente pela pessoa de Cristo. Esse tipo de exposição certamente contribuirá para que os crentes que lutam com os seus pecados, e as consequências deles, possam encontrar na pregação dos salmos penitenciais o consolo e a orientação do Evangelho de Cristo.

Para que o objetivo do presente trabalho seja alcançado, os pontos abordados serão: 1. A fundamentação teológica dos salmos penitenciais dentro do contexto da Antiga Aliança; 2. A fundamentação teológica dos salmos penitenciais dentro do contexto da Nova Aliança; 3. A importância da pregação cristocêntrica nos salmos penitenciais; e, por fim, serão apresentadas algumas considerações finais sobre o assunto exposto.

1. A FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DOS SALMOS PENITENCIAIS DENTRO DO CONTEXTO DA ANTIGA ALIANÇA

Para compreensão da fundamentação teológica dos salmos penitenciais dentro do período em que foram escritos, no Antigo Testamento, é necessário tratar primeiro sobre o relato de

² NICODEMUS, Augustus. *Caminhos da Fé: Uma Exposição dos Salmos de Romagem*. Goiânia: Estação da Fé, 2018. p. 122.

³ WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os Salmos como Lamento Cristão: Um Comentário Histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2018. p.33.

Gênesis 3 e os seus impactos sobre os homens. Neste capítulo da Bíblia é exposto a descrição de como se deu o advento do pecado na história da humanidade. Como consequência, não só o primeiro casal ficou marcado com transgressão do pecado, mas toda a sua posteridade também foi corrompida. Sobre essa condição do homem, após a queda, o teólogo sistemático Louis Berkhof afirma:

Com respeito à origem do pecado na história da humanidade, a Bíblia ensina que ele teve início com a transgressão de Adão no paraíso e, portanto, com um ato perfeitamente voluntário da parte do homem. O tentador veio do mundo dos espíritos com a sugestão de que o homem, colocando-se em oposição a Deus, poderia tornar-se semelhante a Deus. Adão se rendeu à tentação e cometeu o primeiro pecado, comendo do fruto proibido. Mas a coisa não parou aí, pois com esse primeiro pecado Adão passou a ser escravo do pecado. Esse pecado trouxe consigo corrupção permanente, corrupção que, dada a solidariedade da raça humana, teria efeito, não somente sobre Adão, mas também sobre todos os seus descendentes. Como resultado da Queda, o pai da raça só pôde transmitir uma natureza depravada aos descendentes. Dessa fonte não santa o pecado flui numa corrente impura passando para todas as gerações de homens, corrompendo tudo e todos com que entra em contato.⁴

Tal afirmação proposta por Berkhof ecoa daquilo que o Apóstolo Paulo afirma em Rm 5.12 “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. Com isso, ao lidar com os salmos penitenciais, é necessário partir do princípio que todos os homens nasceram em uma condição pecaminosa e não possuem o arbítrio para não poder mais pecar, pois ser um pecador faz parte da condição humana.

Porém o pecado não se dá apenas por nascimento, mas também pelo fato dos homens terem práticas contrárias à vontade de Deus revelada na Lei moral implantada no coração do homem e disposta de maneira clara nas tábuas Lei dada pelo Senhor para Moisés no Sinai, os dez mandamentos (Êx 20.1-17). A lei proposta por Deus deixa claro que o transgressor da sua lei é digno da punição de morte, mesma punição que foi anunciada a Adão antes da queda em Gn 2,16,17: “**16** E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, **17** mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Assim a lei moral proposta por Deus tem o papel de denunciar ao homem a sua condição pecador diante do Senhor e necessitado da graça divina

⁴ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática* (4ª edição). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.

na sua vida.

Logo após a queda, Deus já apresenta esperança para o homem, mesmo ele estando nessa condição de pecado. Em Gn 3.15 o Senhor promete o advento do descendente da mulher que iria subjugar Satanás, representado na serpente ali no Éden. Além disso, em Gn 3.21 se apresenta indícios da necessidade de derramamento de sangue para perdoar pecados (Hb 9.22), pois nesse texto, ainda que de maneira implícita, apresenta o sacrifício de animais para que o Senhor cobrisse o pecado do seu povo. Assim, mesmo antes do estabelecimento do culto no tabernáculo, o ato de oferecer sacrifícios ao Senhor se tornou uma prática comum nos homens de Deus o AT, pois servos de Deus tais como Abel (Gn 4.4), Noé (Gn 8.20) e Abraão (Gn 22.13) realizaram essa cerimônia. Esse rito foi regulamentado pelo Senhor no Monte Sinai, após entregar a Lei moral a Moisés. Deus também instituiu a lei cerimonial de sacrifícios que deveriam ser realizados pelos sacerdotes no tabernáculo. Essa lei cerimonial deixava claro alguns pontos tais como: a estrutura de sacrifícios na Antiga Aliança, a santidade do Deus a quem os Israelitas serviam e a necessidade que os homens têm de serem purificados dos seus pecados por meio do derramamento de sangue de outro indivíduo inocente.

Ao fato de Deus estabelecer o perdão dos pecados dos homens através da obra de outro - posteriormente ficará claro que esse é Jesus - tem sido chamado dentro da Teologia de pacto da graça. Esse pacto se tornou prefigurado nos ritos feitos no tabernáculo e depois no templo. O ponto central das cerimônias realizadas dentro desses locais era o sacrifício feito pelo sumo-sacerdote no dia do *Yom Kippur*, ou “dia do perdão” (Lv 23.27). Nesse dia, que era celebrado anualmente, o sumo-sacerdote, conforme era orientado na lei cerimonial, aspergia o sangue do cordeiro imolado sobre o propiciatório, em favor do perdão do perdão dos seus próprios pecados e dos pecados de todo o povo. Este dia também era marcado como sendo um dia de aflição de alma e de jejum de todos os membros do povo de Deus. Cabe destacar também que o fato dessa cerimônia ser realizada de maneira regular anualmente já mostrava previamente a sua ineficácia para promoção definitiva do perdão dos pecados do povo de Deus (Hb 10.4).

Diante do que já foi falado até aqui fica claro que a lei que foi entregue a Moisés tinha pelo menos dois pontos marcantes: a lei cerimonial, que apontava para a necessidade de expiação dos pecados cometidos pelos homens pertencentes ao povo de Deus, e a lei moral, que mostrava a pecaminosidade até mesmo do povo da aliança e a exigência de santidade no proceder dos servos do Senhor, pois Deus é santo (Lv 19.2). Sobre a utilidade da lei moral a pergunta 95 do Catecismo Maior de Westminster fala:

“A lei moral é de utilidade a todos os homens, para os instruir sobre a natureza e vontade de Deus e sobre os seus deveres para com Ele, obrigando-os, a andar

conforme a essa vontade; para os convencer de que são incapazes de a guardar e do estado poluto e pecaminoso da sua natureza, corações e vidas; para os humilhar, fazendo-os sentir o seu pecado e miséria, e assim ajudando-os a ver melhor como precisam de Cristo e da perfeição da sua obediência.”⁵

Assim a lei moral é o instrumento de Deus para expor aos homens a necessidade que eles têm da redenção da sua condição pecaminosa por meio do sacrifício de Cristo. Nesse aspecto, a lei moral serve tanto de maneira particular, para apontar para os pecados de cada crente de maneira individual, como também utilizada de maneira mais ampla, para a nação de Israel se arrependem do seu pecado como povo de Deus que desobedecia a vontade do Senhor.

Uma verdade que fica clara ao ler as Escrituras é que pesa sobre os homens o fato de que mesmo após convertidos ao Senhor eles continuam pecando, ou seja, o conhecimento da lei de Deus e o fato de pertencer ao povo do pacto não isenta as pessoas de pecarem. Nessas ocasiões em que pecam esse povo de Deus é estimulado a se voltar arrependidos ao Senhor com espírito quebrantado e humilde (Sl 51.17). Para isso Deus se apresenta constantemente no Antigo Testamento como um Deus perdoador dos seus servos que estão arrependidos (2Cr 7.14, Mq 7.18,19). Diante desse quadro a Bíblia apresenta descrições do povo de Deus em práticas de jejuns e em angústia por causa do seu pecado, pois o próprio Deus aflige a alma do seu povo por causa da transgressão que cometeram. Essa ação de Deus, de afligir os que pecam contra ele, se dá tanto dentro do contexto amplo do povo de Deus como nação, como também diante da realidade individual do servo de Deus, que peca, sofre por ter pecado contra o seu Senhor e busca a sua restauração diante de Deus.

Nesse contexto de aflição e sofrimento consequentes da prática de pecados, os salmos penitenciais se apresentam como ferramenta de instrução de orações que expressam a dor do servo de Deus que pecou e deseja ser restaurado na sua comunhão com o Senhor. Algo digno de destaque aqui neste ponto é a presença da beleza poética nesse processo de orar ao Senhor pela restauração, pois os salmistas escolheram o gênero literário da poesia para expressarem toda a sua dor e aspiração pela sua restauração diante de Deus. Além disso, cabe notar a característica intimista que os salmistas utilizavam nesses salmos. Esse caráter da poesia, de conseguir expressar o sentimento dos homens de maneira bela, leva o saltério a ser apropriado pelo povo de Deus como instrumento que expressa corretamente os seus sentimentos. Sobre esse uso do livro dos salmos Mark Futato fala:

⁵ Assembleia de Westminster. *Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 155.

Sem dúvida, tanto em devoções particulares quanto na adoração pública, os cristãos têm lido os salmos mais do que quaisquer outros textos do Antigo Testamento. Salmos individuais têm servido para expressar toda a gama de nossos pensamentos e sentimentos, quer estejamos exultantes ou deprimidos, cheios de propósitos ou confusos, doentes ou saudáveis, irados ou tranquilos. A mensagem deste ou daquele salmo frequentemente tem sido aquilo de que precisamos em meio a nossas circunstâncias.⁶

Assim os salmos, e em especial os salmos penitenciais, têm ajudado os crentes que caem em algum pecado a saberem como se apresentarem diante de Deus buscando o seu favor para serem restaurados. Dessa forma, eles são “proveitosos quando empregados para os propósitos objetivados por Deus que os inspirou: para nos ajudar (1), a nos expressarmos diante de Deus, e (2) a considerar Seus caminhos”.⁷ Então os salmos penitenciais são um instrumento adequado a serem utilizados pelos salmistas para verbalizar o sofrimento do pecador por meio da poesia.

Ao analisar a Teologia disposta nos salmos penitenciais é possível perceber que os seus autores refletem os princípios teológicos que já foram supracitados, princípios esses que estão presentes em todo o livro da lei. Tais princípios teológicos podem ser sumarizados da seguinte forma: o homem nasce em pecado; o servo de Deus peca contra o Senhor e necessita do perdão; o pecado causa aflição e tristeza ao servo de Deus; e que o crente espera ser restaurado por Deus após pecar. Cabe agora ver cada um desses princípios de maneira particular nos salmos penitenciais.

1.1 O homem nasce em pecado

A realidade daquilo que é chamado de “pecado original”, ou seja, que o homem nasce em pecado, é disposto nesta coleção de salmos, especificamente no Sl 51.5, quando Davi afirma: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.” Calvino ao comentar esse versículo afirma sobre a fala de Davi:

Ele agora avança para além do mero reconhecimento de um ou de muitos pecados, confessando que nada trouxera consigo em sua entrada no mundo senão pecado, e que sua natureza era inteiramente depravada. Ele é assim levado pela consideração de uma só ofensa de peculiar atrocidade à conclusão de que nascera na iniquidade, e que era absolutamente destituído de todo bem espiritual. Aliás, todo pecado deve convencer-nos da verdade geral da corrupção de nossa natureza.⁸

⁶ FUTATO, Mark D. *Interpretação dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 45.

⁷ FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Como Ler a Bíblia Livro por Livro*. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 175.

⁸ CALVINO, João. *O Livro dos Salmos (vol.2)*. São José dos Campos-SP: Fiel, 2009. p. 417.

A afirmação de Davi nesse versículo, aliado ao que Calvino expõe sobre esse versículo, demonstra os efeitos que o pecado descrito em Gn 3 teve sobre toda a humanidade. A condição do homem passa a de ser naturalmente inclinado a desobedecer a vontade de Deus. O que se conclui então é que o homem não se torna um pecador porque peca, mas peca porque é um pecador. Sobre a presença do pecado no homem desde o momento da sua concepção Bruce Waltke fala:

Em síntese, a necessidade de purificação ritual simboliza o pecado original da humanidade devido à rebelião em Adão contra a palavra de Deus. Com Davi, o penitente vive uma vida de dependência do favor de Deus para salvar a humanidade do pecado original que contamina cada aspecto do ser.⁹

Então ao se considerar os salmos penitenciais têm que se ter em vista que o salmista não olha para si diante de Deus apenas com o peso de um pecado específico, mas sobre ele recai o fato de pertencer a uma raça que vive em inimizade contra o Senhor e a sua Lei. Além disso, deve ser destacado que o que se espera de um pecador é mais pecado, de maneira que o salmista não pode garantir ao Senhor que não voltará a cometer outras transgressões contra Deus, o que inclui o mesmo pecado que cometeu.

1.2 O servo de Deus peca contra o Senhor e necessita do perdão

Uma verdade que fica clara por meio dos salmos penitenciais é que mesmo após a ação transformadora de Deus na vida de um indivíduo este continua cometendo pecados e necessitando do perdão de Deus. Na verdade, os salmos penitenciais são essencialmente orações que são feitas por pecadores redimidos que reconhecem a necessidade que têm do perdão de Deus por terem pecado contra o Senhor.

Em alguns trechos dos salmos penitenciais este fato pode ser percebido claramente. No Sl 32.5 Davi afirma “Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado.” A forma específica como Davi se refere aqui a um pecado (“o meu pecado”) mostra que neste salmo ele estava tratando pontualmente de um pecado cometido, o qual reconhece a necessidade do perdão de Deus. O comentarista Warren Wiersbe se une a outros comentaristas que afirmam que por meio dessa afirmação Davi estava tratando do pecado de adultério e homicídio que ele

⁹ WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os Salmos como Adoração Cristã: Um Comentário Histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2015. p. 498.

havia cometido. Wiersbe afirma que o Senhor enviou o profeta Natã “para confrontar Davi com seus pecados e lhe transmitir a mensagem do perdão de Deus (2 Sm 12). A confissão de Davi: “Pequei contra o Senhor” foi respondida com a declaração: “Também o Senhor te perdoou o teu pecado” (2Sm 12.13).”¹⁰ Este mesmo pecado de Davi também é citado na introdução do Salmo 51, no v.2, onde Davi pede a Deus: “Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado.” Nesta petição, em apenas uma sentença, Davi reconhece o seu pecado e expõe a sua necessidade de perdão.

Já no Salmo 38.4 Davi expõe a sua percepção sobre os seus pecados de maneira ampla. Neste versículo Davi não se refere apenas a um pecado que havia cometido, mas a vários “Pois já se elevam acima de minha cabeça as minhas iniquidades; como fardos pesados, excedem as minhas forças.” A expressão “meu pecado” do v.3 “intensifica-se para o termo plural e mais abrangente *minhas culpas*”.¹¹

Por fim, pode ser destacado o Sl 130 em que no v.4 Deus é descrito como aquele que tem o perdão para aqueles que se arrependem: “Contigo, porém, está o perdão, para que te temam”, e o v.8, que mostra que ele é o que redime o seu povo de todos os pecados: “É ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades.” O fato de Deus ser visto como aquele que perdoa o pecado e que redime os seus é a mensagem central dos salmos penitenciais. Dessa maneira, os escritores dos salmos penitenciais, ao confessarem os seus pecados, sempre buscam no Senhor o abrigo para si e o perdão dos seus pecados. Essa ação perdoadora de Deus se repete por vezes na vida do servo do Senhor, tal como afirma F.F. Bruce:

A *redenção* que Deus oferece não é uma realização única, no êxodo, mas é o livramento do pecado que ele pode conceder sempre que houver necessidade. Tal é a sua confiança nesse Deus que põe o seu poder a serviço do seu amor que o salmista está convicto de que Deus vai livrar o seu povo do castigo e do poder do pecado.¹²

Assim o pedido de perdão deve sempre ser acompanhado pela confiança no Deus que é gracioso para perdoar pecado e fortalecer os seus servos para que esses não se rendam novamente à prática do pecado. Deus trabalha na vida dos seus servos tanto livrando-os da condenação do pecado como também do poder do pecado enquanto ainda vivem no mundo caído.

¹⁰ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume III, Poéticos*. São Paulo: Geográfica Editora, 2006. p. 150.

¹¹ WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os Salmos como Lamento Cristão: Um Comentário Histórico*. p.178.

¹² BRUCE, F.F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2008. p. 889.

1.3 O pecado causa aflição e tristeza ao servo de Deus

Uma das consequências do pecado na vida do servo de Deus é o consequente sentimento de aflição pelo fato de ter desobedecido ao Senhor. Esses sentimentos não são só de ordem natural, onde o pecado causa desajustes na vida de quem age de maneira contrária a Palavra de Deus, mas essencialmente de ordem espiritual. Não se pode desprezar os efeitos nocivos das consequências naturais do pecado, mas, antes de tudo, o maior prejuízo que o pecado leva ao homem que serve a Deus é espiritual, por meio do profundo sentimento de tristeza por ter pecado contra o Senhor.

No Salmo 51 Davi deixa claro como se sente penalizado por ter pecado. O sentimento dele é de ter errado severamente contra o Senhor e de ser digno das punições que Deus estabelecesse sobre ele ao dizer no v.4: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar.” Nesse versículo ele mostra que, na sua percepção, o seu pecado contra Urias e Bate-Seba era acima de tudo um pecado contra o Senhor a quem ele servia.

Outro salmo de Davi que também demonstra o seu sentimento de aflição e tristeza pelo pecado é o Salmo 38. Nos vs.6-8 Davi fala: “**6** Sinto-me encurvado e sobremodo abatido, ando de luto o dia todo. **7** Ardem-me os lombos, e não há parte sã na minha carne. **8** Estou aflito e mui quebrantado; dou gemidos por efeito do desassossego do meu coração.”. No v.18 do mesmo Salmo ele fala: “Confesso a minha iniquidade; suporto tristeza por causa do meu pecado”. Sobre essa situação de pesar na vida de Davi, o comentarista Matthew Henry afirma: “Ele lembrou contra si mesmo as suas antigas transgressões, reconhecendo que por causa delas ele trouxe esses problemas para si e omitimos a proteção divina”.¹³ Davi, ao orar dessa maneira diante do Senhor, reconhece que os seus sofrimentos estavam intimamente ligados aos seus pecados, ainda que também houvesse uma ação direta dos seus inimigos contra ele. Então nesse contexto de oração penitencial fica claro que:

Duas coisas são exigidas no arrependimento: (1) A confissão do pecado: “*Porque eu confessarei a minha iniquidade*. Eu não somente me colocarei como um pecador em geral, mas farei uma admissão particular de tudo o que fiz errado”. Nós devemos declarar os nossos pecados diante de Deus livre e totalmente e com as suas circunstâncias agravantes das quais nós podemos dar glória a Deus e tomar a vergonha para nós mesmos. (2) A contrição pelo pecado: *afligir-me-ei por causa do meu pecado*. Este trará tristeza. Todo o verdadeiro arrependido se entristece pela desonra

¹³ HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento Jó a Cantares de Salomão*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010. p. 343.

feita a Deus e os erros que ele fez consigo mesmo. “Eu terei cuidado e medo sobre o meu pecado” (para alguns) “pois assim ele me arrumará menos e terei cuidado para ser perdoado”.¹⁴

Assim, a confissão de pecados e a aflição pelo pecado cometido podem ser vistas como duas faces de uma mesma moeda.

Por sua vez, no Salmo 130, v.1, o autor descreve a condição em que sua alma estava após pecar como sendo de “profundezas”. Segundo Stephen Yuille essa expressão é utilizada para indicar o local do desprazer de Deus contra o pecado dele, de forma que a luta do salmista é contra uma consciência perturbada e atormentada, um coração atribulado.¹⁵ Essa imagem de estar em um lugar profundo e sozinho é bastante vívida para descrever a condição de angústia da alma do servo de Deus que sofre com as consequências danosas do pecado para a sua alma.

1.4 O crente espera ser restaurado por Deus após pecar

Por fim, uma característica que é possível constatar nos salmos penitenciais é que neles os salmistas expressam a sua expectativa de que o Senhor o restaure. Essa restauração está intimamente vinculada à ação divina de fazer com que o crente volte a ter alegria em Deus. Algumas partes nesses salmos manifestam claramente esse desejo, tal como no Salmo 51, vs. 8,10, 12, quando Davi fala: “**8** Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste. **10** Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável. **12** Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário.” Sobre esses pedidos de Davi para ser restaurado Warren Wiersbe afirma:

Davi queria que todo seu ser fosse restaurado, a fim de que pudesse servir ao Senhor de maneira aceitável. Desejava ter dentro dele a alegria do Senhor (ver v. 12) e ver a face do Senhor resplandecendo sobre ele (10:1; 44:24; 88:14; 104:29). “Júbilo e alegria” é uma expressão hebraica que significa “profunda alegria”. Davi pediu ao Senhor que criasse dentro dele um coração novo e que lhe desse um espírito firme, que não vacilasse. O versículo 10 é a parte central do salmo e expressa o cerne da preocupação de Davi. Sabia que o seu interior - o coração - era a origem de seu problema bem como o lugar que abrigava sua alegria e bênção, e sabia também que não era capaz de mudar o próprio coração. Esse é um milagre que somente Deus pode operar (Jr 24:7; Ez 11:19; 36:25-27).¹⁶

¹⁴ HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento Jó a Cantares de Salomão*. p. 343.

¹⁵ YUILLE, J. Stephen. *Saudades de Casa: Uma Jornada Através dos Salmos dos Degraus*. Recife: Editora Os Puritanos, 2017. p. 162.

¹⁶ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume III, Poéticos*. p. 184.

Com isso o pedido de Davi, manifestado claramente por esses versículos citados, mostram que os salmistas, após a tristeza causada pelo pecado, sabem que apenas o Senhor tem o poder para poder novamente restaurá-lo a uma condição de alegria.

O Salmo 130, por sua vez, também expressa de maneira clara a expectativa desejosa do salmista de que o Senhor restaure a sua confiança no perdão dos seus pecados. Nos vs.5-7 desse salmo vemos ele falando: “**5** Aguardo o SENHOR, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra. **6** A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã. **Mais** do que os guardas pelo romper da manhã, **7** espere Israel no SENHOR, pois no SENHOR há misericórdia; nele, copiosa redenção.” Augustus Nicodemus ao comentar esse salmo afirma que por meio dessas palavras o salmista busca se sentir perdoado diante de Deus:

Observe como ele fica nesse estado de espera ansiosa para que Deus atenda à sua oração, ele quer se sentir perdoado. Ele pediu perdão a Deus, argumentou com Deus por que Deus deveria perdoá-lo, e agora ele quer sentir a resposta do Senhor, quer experimentar a certeza de que Deus o atendeu e que seus pecados foram perdoados, ele quer ter essa confirmação no coração de que foi atendido.¹⁷

Então a ação de restaurar o coração do servo de Deus que peca é do próprio Deus. O pecador pode até se apresentar diante de Deus levando o seu desejo por restauração, mas o ato de restaurar e devolver a alegria da salvação é uma ação que só Deus pode fazer na vida daqueles que caíram em transgressão.

Por fim, o que se pode perceber é que os salmistas, especialmente nos salmos penitenciais, tinham a forte convicção de que os seus pecados os colocavam em estado de inimizade contra o Senhor, por isso o seu coração ficava em estado de angústia quando eles pecavam contra Deus. Então o fundamento da oração deles era a certeza de que Deus era um Deus misericordioso e que o perdoava por meio do derramamento de sangue de um inocente em seu favor.

2. A FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DOS SALMOS PENITENCIAIS DENTRO DO CONTEXTO DA NOVA ALIANÇA

Após a compreensão da fundamentação teológica dos salmos penitenciais dentro do período do Antigo Testamento, cabe agora compreender como eles foram utilizados e compreendidos dentro do contexto do Novo Testamento. O objetivo aqui será tratar como que

¹⁷ NICODEMUS, Augustus. *Caminhos da Fé: Uma Exposição dos Salmos de Romagem*. p. 130.

a pessoa e obra de Cristo trouxeram maior clareza para a compreensão das verdades propostas pelos salmistas que escreveram os salmos penitenciais.

Para alcançar esse objetivo, os princípios interpretativos da Teologia Bíblica são uma ferramenta indispensável para auxiliar no entendimento desses salmos. Essa área da Teologia ajuda a ler a Bíblia de maneira que se perceba a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, bem como o caráter progressivo e orgânico da revelação de Deus na Bíblia. Segundo Geerhardus Vos a “Teologia Bíblica é aquele ramo da teologia exegética que lida com o processo da auto-revelação de Deus registrada na Bíblia.”¹⁸ Essa revelação de Deus diz respeito tanto ao seu ser como também à sua obra de salvação de pecadores por meio de Cristo. Então a Teologia Bíblica auxiliará apresentando como que a compreensão dos autores do Novo Testamento estava fundamentada nos eventos descritos no Antigo Testamento.

Ao interpretar a Bíblia por princípios presentes na Teologia Bíblica, a primeira coisa que se deve saber é que o Novo Testamento trouxe clareza sobre aquilo que estava apenas de maneira embrionária no Antigo Testamento sobre Cristo. O Apóstolo Paulo se refere aos ritos e preceitos da antiga aliança como “sombra” daquilo que seria plenamente revelado com a chegada de Cristo (Cl 2.16, 17). Por sua vez a Confissão de Fé de Westminster, no seu capítulo XIX, parágrafo 3, ao tratar sobre a Lei dada por Deus ao seu povo, afirma que:

Além dessa lei, geralmente chamada lei moral, foi Deus servido dar ao seu povo Israel, considerado uma Igreja sob sua tutela, leis cerimoniais que contêm diversas ordenanças típicas. Essas leis – que em parte se referem ao culto e prefiguram Cristo, as suas graças, os seus atos, os seus sofrimentos e os seus benefícios, e em parte representam várias instruções de deveres morais – estão todas ab-rogadas sob o Novo Testamento.¹⁹

Essa proposição da Confissão de Fé mostra o fato de que os ritos religiosos que aconteciam no AT apontavam para Cristo e para a sua obra. Tal realidade atesta que os autores do Novo Testamento possuem maior clareza para lerem, entenderem e aplicarem as verdades que são apresentadas nos salmos penitenciais, pois eles conhecem a revelação completa de Deus na pessoa de Cristo.

Um dos principais temas presentes na Teologia Bíblica que pode ajudar a compreender os salmos penitenciais é o fato de que o perdão de pecados se dá por meio do derramamento de

¹⁸ VOS, Geerhardus. *Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010. p. 16.

¹⁹ Assembleia de Westminster. *Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo*. p. 69.

sangue de um inocente. Já nos ritos veterotestamentários é apresentado o princípio de que o perdão de pecados se dá por meio de derramamento de sangue. Esse princípio permanece no Novo Testamento, onde Cristo é descrito como o cordeiro que morreu de uma vez por todas, tal como o autor aos Hebreus afirma em 10.11-14: “**11** Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; **12** Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, **13** aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. **14** Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.” O Apóstolo Pedro em 1Pe 3.18 também assevera: “Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus”. Esses textos testificam que aquilo que estava presente em sombras nos ritos cerimoniais no AT se cumpre na pessoa e obra de Cristo, pois ele é a finalidade da Lei (Rm 10.4).

Posto isto, que o sacrifício de Cristo é um dos temas centrais para entender o perdão de pecados, cabe agora analisar aqui como que foi feito o uso dos salmos penitenciais dentro do contexto do Novo Testamento, pois a melhor forma de entender a mensagem de um texto do Antigo Testamento é ver como que ele é citado pelos autores neotestamentários. Ao falar do uso dos salmos penitenciais no Novo Testamento, uma observação prévia que deve ser feita é que quase todos os salmos penitenciais são citados no Novo Testamento, com exceção do Salmo 38. Então, de maneira panorâmica, o uso dos salmos penitenciais no Novo Testamento pode ser brevemente descrito da seguinte maneira: 1. o Salmo 6 é citado duas vezes no Novo Testamento, em Mt 7.23 e em Lc 13.27. Esses são textos correlatos onde o Senhor cita o v.8 do Salmo 6 para se referir a sua ação de repudiar aqueles que o chamavam se Senhor, mas não faziam a vontade do Pai; 2. o Salmo 32, v.2, é citado pelo Apóstolo Paulo em Rm 4.7-8 para atestar a sua argumentação de que a justificação é pela fé sem as obras da lei; 3. O Salmo 51, v.4, é citado em Rm 3.4 para mostrar que Deus não foi infiel em relação aos judeus; 4. o Sl 102.25-27 é citado em Hb 1.10-12 para se referir a superioridade de Cristo sobre os anjos; 5. o Sl 130.8 é citado em Tt 2.14 quando Paulo se refere a Cristo como sendo aquele que nos redime de toda a nossa iniquidade; 6. por fim, o Sl 143.2 é citado em Rm 3.20 e em Gl 2.16, em ambas as vezes Paulo utiliza esse versículo para testificar que a justificação do homem não se dá mediante a obediência às obras da Lei. Esse breve panorama do uso dos salmos penitenciais no NT mostra que eles foram utilizados no Novo Testamento de maneira substancial.

Diante dessas informações, cabe agora analisar como que os autores cristãos se

apropriaram da mensagem dos salmos penitenciais para ensinarem verdades teológicas aos seus leitores. Essa análise será realizada tendo como ponto de partida a forma como esses salmos são citados no Novo Testamento para ensinar princípios teológicos. O que se percebe é que quando os autores neotestamentários citaram os salmos penitenciais eles queriam ensinar basicamente dois princípios fundamentais para seus leitores: 1. A justificação é mediante a fé sem as obras da Lei e 2. Jesus Cristo é aquele que redime os homens de todas as suas iniquidades.

2.1 A justificação é mediante a fé sem as obras da Lei

Um tema apresentado nos salmos penitenciais, e que ajuda a entendê-los, é que desde o Antigo Testamento a justificação se dá pela graça, mediante a fé em Deus. O Apóstolo Paulo afirma essa verdade em Rm 5.1: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. Na mesma epístola, citando o texto de Hc 2.4, Paulo afirma: “O justo viverá por fé”.

Esse argumento do apóstolo não é algo criado por ele mesmo, mas se apresenta desde o Antigo Testamento. Mauro Meister, ao tratar sobre a realidade da salvação pela graça já na Antiga Aliança afirma:

Ora, qualquer pessoa que já leu o livro de Hebreus sabe que os “santos” do Antigo Testamento eram, de fato, crentes salvos. E foram eles salvos pelas obras da lei? Claro que não, foram salvos pela graça por meio da fé em Cristo. Portanto, certamente, a graça de Deus não é alguma coisa exclusiva do Novo Testamento e ausente no Antigo Testamento. Quando o crente no Antigo Testamento depositava a sua fé em Iavé e naquilo que Iavé havia ordenado e prometido no Tabernáculo, ele estava dizendo que o seu salvador era Cristo, que a sua redenção estava na obra do Messias prometido. Tenho, às vezes, a impressão de que alguns chegam a pensar que havia uma outra forma de salvação no período do Antigo Testamento, completamente distinta da pessoa de Cristo [...].²⁰

Diante dessa verdade, é possível afirmar que em tempo algum existiu salvação fora da obra graciosa de Cristo. E esse é o ponto de Paulo, mostrar que desde sempre a fé na graça de Deus, por meio do derramamento do sangue providenciado por ele era o ponto em que se firmavam os servos de Deus.

Os salmos penitenciais apresentam esse princípio teológico, pois eles são utilizados

²⁰ MEISTER, Mauro. *Lei e Graça*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. p.14

como base para a argumentação de Paulo ao atestar que a salvação pela graça desde o Antigo Testamento. Paulo faz isso pelo menos por três vezes nos seus escritos:

Rm 4.6-8

Nesse texto Paulo afirma: “6 E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: 7 Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; 8 bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado.” Nos versículos indicados Paulo está citando o Sl 32.2: “Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade e em cujo espírito não há dolo.” O comentarista John Murray sintetiza o que Paulo está falando dizendo que “nestes versículos, o segundo exemplo extraído do Antigo Testamento foi mencionado, a fim de provar que a justificação pela fé está inserida nas Escrituras da antiga aliança.”²¹

Para entender como Paulo se apropria do Sl 32.2 para discorrer sobre a salvação pela graça independente das obras da Lei é necessário entender que o seu argumento começa no v.1 do capítulo 4 de Romanos. Neste capítulo Paulo está expondo que Abraão foi declarado justo, mesmo sem ter alcançado essa bênção por meio de alguma boa prática (vs.1-3). Sobre essa fala de Paulo, William Hendriksen afirma:

No versículo 5 da seção imediatamente precedente (vs. 1–5), Paulo usou a expressão “a fé é imputada para justiça”, significando: “Deus contou para justiça aquilo de que Abraão (ou alguém que, semelhantemente, põe sua confiança em Deus) se apropriou pela fé, a saber, a justiça de Cristo.” Essa explicação é confirmada na presente seção (vs. 6–8); observe as palavras “a pessoa a quem Deus atribui justiça independente das obras” (v. 6). Em ambos os casos, portanto, em última análise, não é a fé, considerada em si mesma, mas a justiça de Cristo, que é imputada ao pecador, que, com fé genuína, fugiu para Deus em busca de refúgio.²²

Com isso o ponto de Paulo é mostrar que desde o patriarca Abraão o Senhor já realizava a salvação por meio da sua graça em Cristo, não havia um mérito intrínseco em Abraão para que ele fosse salvo. Para assegurar o que estava falando, Paulo parte nos versículos posteriores (vs.6-8) para outro exemplo do Antigo Testamento, mostrando que Davi havia discorrido sobre a justificação pela graça no Sl 32.2, mostrando assim que a salvação era pela graça desde o AT. A diferença entre a afirmação de Paulo e a de Davi é só que “aquilo que Davi proferiu em

²¹ MURRAY, John. *Romanos: Comentário Bíblico*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2016. p. 182.

²² HENDRIKSEN, William. *Romanos: Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 190.

termos de não-imputação e perdão de pecados, Paulo interpreta, mais positivamente, como a imputação da justiça.”²³

Rm 3.20

Em Rm 3.20 Paulo afirma: “visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.” Nesse texto Paulo cita o texto do Sl 143.2 que diz: “Não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não há justo nenhum vivente”. Então, aqui, com expressões distintas, Paulo repete o pensamento do Sl 143.2.²⁴ O ponto dele é atestar a ineficiência das obras da lei para tornar uma pessoa justa diante de Deus. Para Hendriksen:

O argumento de Paulo é irrefutável. Pelas obras da lei, ninguém pode jamais ser justificado à vista de Deus. Por que não? Considere, por um instante, o que a lei exige. Nada menos que isto: que uma pessoa ame a Deus “de todo” seu coração, alma, mente e força, e que ame ao seu próximo como ama a si mesma (Mt 22.37–40; Mc 12.29–31; Lc 10.27). O apóstolo demonstrou que é exatamente esse amor que estava ausente no coração de ambos, gentio (observe: “nem deram graças”, Rm 1.21) e judeu (observe: “dureza e coração não convertido”, 2.5). Ele deixou bem claro que cada pessoa é condenada diante de Deus (3.9).²⁵

Ao recorrer a esse salmo penitencial para descrever a condição humana, Paulo mostra que não há base para se afirmar que o cumprimento da Lei serve de fundamento ou motivo para a justificação, como ele mesmo fala em Rm 3.10: “Não há justo, nem um sequer”. Assim, a função da Lei é convencer os homens dos seus pecados e mostrar a necessidade da justificação gratuita concedida na pessoa de Cristo. Então Paulo se apropria da confissão de Davi, de que ele é um pecador, e que todos os homens são pecadores, para mostrar que a finalidade da Lei nunca foi tornar uma pessoa justa, mas apontar que ela necessita da justiça concedida por Deus em Cristo.

Gl 2.16

O texto de Gálatas 2.16 afirma: “sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei,

²³ MURRAY, John. *Romanos: Comentário Bíblico*. p. 182.

²⁴ HENDRIKSEN, William, op. cit., p. 161.

²⁵ Ibid.

ninguém será justificado.” Nesse texto Paulo reverbera, mais uma vez, o ensino presente no supracitado Sl 143.2. Ele faz essa afirmação nessa epístola, pois os falsos mestres que atacavam as igrejas da Galácia afirmavam que havia uma necessidade de alguma coisa além da obra de Cristo para a salvação. Segundo Calvino “os falsos apóstolos não rejeitavam a Cristo nem a fé, mas exigiam que as cerimônias fossem juntadas a ambos (a Cristo e à fé)”.²⁶ Porém deve ficar “estabelecido que essa proposição denota exclusividade, ou seja: não somos justificados de alguma outra forma, senão pela fé; ou o que significa a mesma coisa: somos justificados somente por meio da fé.”²⁷

Sobre o objetivo de Paulo ao citar esse salmo para confirmar o seu argumento na epístola aos Gálatas, G. K. Beale afirma:

Contudo, como explicar o apelo de Paulo ao salmo 143 se a expressão “obras da lei” não se encontra ali? Esse salmo penitencial, como é chamado, costuma ser considerado um lamento individual. O salmista está angustiado com a perseguição que está sofrendo (143.3,4), por isso estende as mãos para Deus, o único que pode salvá-lo (143.6). Entretanto, quando invoca o Senhor ele não apela para a própria inocência (cp. Sl 7.8; 73.13), e sim para a misericórdia, fidelidade e justiça de Deus (143.1). Na verdade, ele está consciente de seu pecado e reconhece que o juízo divino pode tão somente evidenciar sua culpa: “Mas não leves o teu servo a julgamento” (143.2; NVI). Esse apelo sugere que na frase seguinte (“pois ninguém é justo diante de ti”) o salmista não está negando a possibilidade de justificação, e sim “a possibilidade de um homem ser justificado com base nos próprios méritos” (Cranfield 1975-1979, 1:197).²⁸

Assim Paulo mostra que um dos pilares do argumento de Davi, e que ele também apresenta em seus escritos, é que todos os homens são condenáveis diante de Deus. Nenhum deles pode buscar a justiça de Deus, tal como fez Davi no Sl 143, sem que observe a si mesmo e veja que é injusto.

2.2 Jesus Cristo é aquele que redime os homens de todas as suas iniquidades

O segundo princípio teológico que os autores do Novo Testamento quiseram ensinar ao citarem os salmos penitenciais foi o de apresentar Jesus Cristo como aquele que redime os homens dos seus pecados. Em Tt 2.14 Paulo afirma: “o qual a si mesmo se deu por nós, a fim

²⁶ CALVINO, João. *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010. p. 78.

²⁷ Ibid.

²⁸ BEALE, G. K.; CARSON D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 981.

de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.” Com a expressão “remir-nos de toda iniquidade”, Paulo está se referindo ao Sl 130.8 que diz: “É ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades”.

Ao tratar da relação entre os dois textos, o de Tito e o do Salmo, G. K. Beale e D. A. Carson afirmam que:

Os pontos de contato sugerem que o principal eco das Escrituras é o texto grego de Salmos 129.8 (130.8 TP). As mudanças são basicamente estilísticas: de “Israel” para “nós” (= seguidores do Messias; portanto, a substituição do plural para o singular coletivo; doutrinas em forma de declarações são muitas vezes aplicadas aos crentes por meio de pronomes pessoais [cf., e.g., Rm 5.6; 8.32; 2Tm 1.9,10; Tt 3.5; v. Cranfield 1982]), e partindo de formulação no plural (“de todas as suas iniquidades/maldades”) para um singular generalizador (“de toda iniquidade/maldade”).²⁹

Ao fazer a relação desses dois textos, Paulo mostra que no Antigo Testamento, Israel representava a igreja, eles eram o povo de Deus na antiga dispensação, a forma ainda embrionária da igreja, que seria composta por pessoas de todas as nações. Além disso, ele aponta para a divindade de Cristo, pois o salmo afirma que Deus perdoa pecados, e Paulo mostra que esse Deus se revelou na pessoa do seu Filho. Esses dois princípios dispostos na relação desses dois textos, sendo observado dentro do contexto dos salmos penitenciais, fazem com que o crente penitente possa encontrar segurança do perdão do seu pecado em Jesus. Por mais que os seus pecados sejam demasiadamente graves, eles podem confiar no Cristo que o “perdoa de todas as suas iniquidades”. Assim, longe da desesperança causada pelo pecado, o servo de Deus pode lembrar que “onde abundou o pecado superabundou a graça”.³⁰

Conclui-se então, diante do que já foi exposto até aqui, que os salmos penitenciais já apresentarem claramente, no contexto do Antigo Testamento, a necessidade da redenção que seria realizada na pessoa e obra de Cristo. Tal fato atribui ainda mais convicção da presença do perdão de pecados pela graça, bem como a necessidade de que a igreja de Cristo lide com o AT como texto indispensável para o amadurecimento na sua vida cristã. A consequência natural disso é que os salmos penitenciais devem ser pregados de maneira cristocêntrica.

²⁹ BEALE, G. K.; CARSON D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 1124.

³⁰ KIDNER, Derek. *Salmos 73-150: Introdução e Comentário aos Livros III e V dos Salmos*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1984. p. 457.

3. A IMPORTÂNCIA DA PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA NOS SALMOS PENITENCIAIS

Uma vez que já foram vistas a fundamentação teológica dos salmos penitenciais dentro do contexto da Antiga Aliança e a fundamentação teológica dos salmos penitenciais dentro do contexto da Nova Aliança, cabe agora tratar sobre a importância da pregação cristocêntrica nos salmos penitenciais, especialmente para aqueles que estão em Cristo. O objetivo aqui é tratar brevemente como que os salmos penitenciais são fonte de instrução e consolo para os crentes que têm a sua vida espiritual abalada por terem caído em algum pecado, e como a pregação cristocêntrica é uma ferramenta de Deus para restauração dessas pessoas. Para alcançar esse objetivo, primeiro é necessário observar brevemente o uso histórico dessa coleção de salmos dentro da igreja, posteriormente a importância desses salmos para os cristãos que caíram em pecado, e, por fim, citar alguns elementos indispensáveis para a pregação cristocêntrica nesses salmos.

3.1 O uso dos salmos penitenciais na história da Igreja Cristã

Dentro do contexto do uso histórico deles, se observa que os salmos penitenciais têm sido instrumento de bênção na vida do povo de Deus. Sobre esse seu uso na história da igreja, Bruce Waltke afirma sobre o período medieval:

Naquele período desenvolveu-se a tradição medieval de interpretar “os Sete” como sete passos na escada do arrependimento. O primeiro passo é o temor da punição (Sl 6.1[2]). O segundo passo é a tristeza pelo pecado (Sl 32.5). O terceiro passo é a esperança do perdão (Sl 38.15[16]). O quarto passo é o amor de uma alma purificada (Sl 51.7[9]). O quinto passo é o anelo pelo céu (Sl 102.16). O sexto passo é desconfiar de si mesmo (Sl 130.6) para olhar somente para o Senhor. O sétimo passo é a oração contra o julgamento final (Sl 143.2): “não leves o teu servo a julgamento”.³¹

Assim se percebe que os salmos penitenciais têm sido vistos na história da igreja como fonte de instrução para que os crentes lidem com os seus pecados de diversas formas. Ainda sobre esse uso deles na história da igreja é digno de nota que:

Bede e, em seguida, Alcuin resumiram cada salmo para estimular a memorização do Saltério e tornar ímpar cada um deles. No século 14, ao selecionar um único versículo de cada um dos “Sete Salmos”, uma tradição surgiu na devoção pessoal para associar cada salmo apropriadamente contra um pecado capital. O Salmo 6 fora usado contra

³¹ WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os Salmos como Lamento Cristão: Um Comentário Histórico*. p. 36.

a ira; o Salmo 32 contra o orgulho; o Salmo 38 contra a glotonaria; o Salmo 51 contra a luxúria; o Salmo 102, contra a cobiça; o Salmo 130, contra a inveja; e o salmo 143, contra a preguiça. O reformador conciliar, Jean Gerson, usou esta tradição em seus escritos. O primeiro tratado de Martinho Lutero sobre “Os Sete Salmos Penitenciais” (escrito em 1517) protesta contra o abuso das indulgências e sugere que quatro deles são “Salmos Paulinos” (Salmos 32, 51, 130 e 143). O Salmo 130 é o favorito dele.³²

Estas breves informações apresentam a rica forma como esta coleção de salmos foi utilizada pela Igreja cristã. Todos esses usos são caracterizados pelo auxílio na luta contra os pecados que estão presentes no coração dos homens, mas também eles não deixam de serem vistos como ferramenta para vislumbrar a graça de Deus na pessoa de Jesus que restaura a vida do pecador arrependido.

3.2 A importância dos salmos penitenciais para os cristãos

Visto que esses salmos têm tido um significativo uso dentro da história da igreja cristã, é importante tratar um pouco, de maneira prática, sobre a importância deles para a vida dos servos de Deus que lutam contra seus pecados ou sofrem com as consequências destes. Certamente alguns pontos poderiam ser destacados aqui, mas o principal deles é que a Bíblia é o instrumento adequado para que o servo de Deus saiba como orar ao Senhor rogando por perdão após ter caído em pecados.

Para o cristão a Bíblia é a Palavra de Deus para o seu povo, Deus fala ao seu povo por meio dela, mas, ao mesmo tempo, ela orienta o cristão a como falar ao seu Senhor em oração. Timothy Keller afirma que “só sabemos como devemos orar apreendendo nosso vocabulário com a Bíblia.”³³ Ele ainda afirma que:

É fundamental para a prática da oração reconhecer o que Peterson chama de “a impressionante anterioridade das palavras de Deus às nossas orações”. Esse princípio teológico tem consequências práticas. Significa que nossas orações devem brotar da imersão nas Escrituras. Devemos “imersão no mar” da linguagem de Deus, a Bíblia.³⁴

Nesse contexto, a Bíblia se apresenta como o instrumento divino para que o cristão aprenda a orar rogando ao Senhor por perdão.

Por vezes se imagina que a oração é caracterizada apenas pelo desvelar a Deus os

³² WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os Salmos como Lamento Cristão: Um Comentário Histórico*. p. 34.

³³ KELLER, Timothy. *Oração: Experimentando Intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2016. p.30.

³⁴ Ibid.

sentimentos presentes no coração daquele que ora, mas não é o caso, pois os discípulos pediram ao Senhor que os ensinassem a orar (Lc 11.1) e o Senhor os ensinou uma oração como modelo (Lc 11.2-4; Mt 6.9-15). Posto isso, a oração não é só um abrir de coração diante de Deus, antes ela deve ser orientada pelas Escrituras. No caso daqueles que sofrem com o peso e consequências da prática de pecados, os salmos penitenciais são um rico tesouro que o Senhor legou a seu povo para eles buscarem a restauração espiritual. Os salmos penitenciais conseguem conduzir os crentes a um estado de contrição, arrependimento, reconhecimento da necessidade da graça do perdão e levam os servos de Deus a tratarem os seus corações diante do peso do pecado. Assim, a pregação nos salmos penitenciais auxilia o cristão a aprender como orar conforme a orientação desses salmos, e consequentemente orarem da forma que o Senhor orienta na sua Palavra.

3.3 Elementos indispensáveis na pregação cristocêntrica nos salmos penitenciais

Visto o argumento histórico e prático para a utilização dos salmos penitenciais em benefício do povo de Deus, quais são os elementos indispensáveis a serem considerados nas pregações que são realizadas nessa coleção de salmos, ou seja, quais são as orientações práticas para que pregadores cristãos auxiliem crentes afligidos pelas consequências de algum pecado por meio da pregação nos salmos penitenciais? O objetivo aqui é abordar os salmos penitenciais de maneira que os pregadores cristãos possam estar munidos de alguns princípios indispensáveis para pregarem de maneira cristocêntrica as verdades dos salmos penitenciais para os crentes.

Primeiro, antes de destacar esses princípios, é importante entender a singularidade que caracteriza a pregação cristocêntrica. Sobre a característica desse tipo de sermão Brian Chapell afirma: “A pregação cristocêntrica mantém a obra redentora de Cristo como ponto central de todo sermão como o é para o alvo da Escritura sobre a premissa de que não existe motivação mais poderosa para a santidade do que o amor de Deus manifestado na obra redentora de Cristo”.³⁵ Por sua vez, Eric Price ao analisar a abordagem cristocêntrica que Greidanus propõe, afirma sobre pregação cristocêntrica:

Pregar a Cristo é mostrar como sua pessoa e obra se encaixam em todo o enredo bíblico. Greidanus, portanto, define a pregação de Cristo como "pregar sermões que integram autenticamente a mensagem do texto com o clímax da revelação de Deus na pessoa, obra e/ou ensino de Jesus Cristo conforme revelado no Novo Testamento". Esta definição tem vários elementos importantes. Primeiro, pregar Cristo com

³⁵ CHAPPELL, Brian. *Pregação Cristocêntrica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 227.

precisão significa respeitar a mensagem original do texto do AT. Os pregadores devem "entender uma passagem do Antigo Testamento primeiro em seu próprio contexto histórico-cultural" antes de considerar seu lugar em "todo o cânon e toda a história da redenção". Somente na segunda etapa da interpretação devem surgir "questões sobre Jesus Cristo, o centro".³⁶

Assim, ao ter Cristo como o centro da compreensão do texto bíblico, especialmente o veterotestamentário, a mensagem dos salmos penitenciais se torna mais clara para o povo de Deus. É possível afirmar que a obra de Cristo é elemento que fundamenta a argumentação presente nessa coleção de salmos. Dessa maneira, esses salmos "dão uma oportunidade para elevar nossos pensamentos sobre pecado e perdão ao espelho das Escrituras em vez do espelho da cultura moderna. Esta é uma lição que todos nós precisamos para nutrir nosso crescimento e sintonizar nossos corações com a graça e o amor radicais de Deus."³⁷ Posto isso, é possível crer que a graça e o perdão em Cristo é o que fazem com que esses salmos apresentem um significado importante para os cristãos e conseqüentemente possam ser instrumento de bênção na vida deles.

Um ponto que deve ser lembrado é que apesar de ser Palavra de Deus, os Salmos não contêm apenas palavras da parte de Deus para as pessoas, antes eles apresentam também palavras faladas para Deus ou acerca de Deus, e essas palavras também são Palavra de Deus.³⁸ Dentro da perspectiva de que os salmos apresentam palavras faladas para Deus como sendo Palavra de Deus, os salmos penitenciais servem como confissões particulares dos salmistas que o povo de Deus pode se apropriar delas para rogar a Deus perdão por seus pecados.

A pregação cristocêntrica nesses salmos é a melhor maneira para que os cristãos sejam munidos da orientação necessária em momentos de pesar por seus pecados. Assim, "uma maneira de destacar a confissão e o perdão é por meio da pregação e do ensino dos salmos penitenciais, textos que ajudaram a formar a compreensão da igreja sobre esses rituais."³⁹ Sobre os elementos necessários para estar presente nas pregações nos salmos Mark Futato afirma que:

³⁶ PRICE, E. S. Comparing Sidney Greidanus and Abraham Kuruvilla on Preaching Christ from the Old Testament. *Trinity Journal*, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 69–93, 2018. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLAI5818063000565&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2022. p.71. Minha tradução.

³⁷ TANNER, B. L. Preaching the penitential psalms. *Word & World*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 88–98, 2007. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLA0001555418&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2022. p.98. Minha tradução.

³⁸ FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Como Ler a Bíblia Livro por Livro*. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 175.

³⁹ TANNER, B. L. Preaching the penitential psalms. *Word & World*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 88–98, 2007. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLA0001555418&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2022. p.88. Minha tradução.

“três questões básicas da aliança para se lançar ao texto são: (1) O que este texto me ensina a crer? (2) O que este texto me ensina a fazer? (3) O que este texto me ensina a sentir?”.⁴⁰ Essas três perguntas são fundamentais para se propor alguns elementos que são indispensáveis na pregação dos salmos penitenciais.

Então, visto que o objetivo do presente trabalho é de alguma forma contribuir com os pregadores que irão pregar nos salmos penitenciais, é importante destacar alguns pontos essenciais a serem observados nas pregações nesses salmos. Vários pontos poderiam ser destacados aqui, mas, pela brevidade do presente trabalho, apenas três serão abordadas aqui: mostrar ao cristão que sofre por seus pecados que essa não é uma experiência particular dele; que, ao pecar, o cristão deve confiar plenamente na graça de Deus revelada na pessoa e obra de Cristo; e mostrar que Deus não rejeita o pecador que se apresenta quebrantado rogando pelo perdão dos seus pecados.

O primeiro elemento fundamental a ser considerado em uma pregação cristocêntrica nos salmos penitenciais é mostrar para o cristão que sofre por seus pecados que essa não é uma experiência particular dele, mas também de outros servos de Deus na história, tal como fica claro nos salmos penitenciais. Esses salmos descrevem bem os sentimentos do servo de Deus penitente, pois foram escritos por servos de Deus que rogavam ao Senhor por misericórdia, pois pecaram contra Deus.

Dessa maneira, os salmos penitenciais devem ser pregados como sendo um guia de oração de contrição para aqueles que reconhecem o seu pecado e a necessidade da sua restauração pessoal por meio da obra de Cristo. Tal como os salmos de lamento, os salmos penitenciais refletem a experiência humana de dependência total de Deus, pois necessitam da libertação e do perdão incondicional como um presente de Deus.⁴¹ Posto isso, é possível afirmar que, em alguma medida, a experiência do crente que pecou e está penalizado por ter transgredido a lei de Deus é a mesma do salmista nesses salmos.

Cabe destacar que além da identidade com as palavras registradas pelos salmistas no Antigo Testamento, um elemento que une os servos de Deus do Antigo Testamento com os cristãos, no que diz respeito ao pesar por terem pecado contra o Senhor, é a ação do Espírito Santo que faz com que os servos de Deus sofram por seu pecado. A pessoa e a ação do Espírito

⁴⁰ FUTATO, Mark D. *Interpretação dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 185.

⁴¹ MENDY, G. The theological significance of the psalm of lament. *American Theological Inquiry*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 61–71, 2015. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLAn3831242&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 30 ago. 2022. p.69.

não são tão claras no Antigo Testamento tal como é claro no Novo Testamento, onde se vê que o papel dele é de convencer o homem do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8) e gera nos servos de Deus os sentimentos de pesar descritos nos salmos penitenciais. Sobre essa ação do Espírito é possível afirmar que:

O Espírito Santo estava em ação no período veterotestamentário, ainda que uma nova fase do ministério do Espírito começasse com a morte e ressurreição de Jesus e com o dia de Pentecostes. Os crentes no tempo do Antigo Testamento tinham o mesmo Espírito habitante que os cristãos hoje têm, e Davi suplica que não experimentasse a retirada desse Espírito. A presença do pecado também provoca a ausência da alegria, porque a paz se vai. Com a vinda do perdão pode haver uma restauração da alegria da salvação.⁴²

Dessa maneira, se o cristão está profundamente contrito por ter pecado, tal como os escritores dos salmos penitenciais, essa é uma experiência, gerada pelo Espírito Santo, que o une a todos os verdadeiros servos de Deus na história, e ele só conseguirá encontrar alívio para o seu fardo na graça do Deus que perdoa pecados.

O segundo ponto é a consequência natural do primeiro, é que ao pecar o cristão deve confiar na graça de Deus revelada na pessoa e obra de Cristo. Por meio dos salmos penitenciais os cristãos que caíram na prática de algum pecado são levados a confiar na graça de Deus revelada na pessoa e obra de Cristo. O Salmo 130.8 afirma “É ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades”, mesmo texto a que Paulo se refere em Tt 2.14 para se referir a Cristo como sendo aquele que redime os seus de toda iniquidade. Dessa maneira, desde o Antigo Testamento já está presente a ideia de que a salvação e a misericórdia de Deus são pela graça. Com a chegada de Cristo essa verdade se tornou mais patente.

Dentro dessa perspectiva, os salmos penitenciais são pregados de maneira cristocêntrica quando eles não apenas focam, em última instância, na condição de angústia do servo de Deus que pecou, mas quando a exposição é focada na confiança de perdão de pecados presente na obra realizada por Cristo na cruz.

Por fim, o terceiro e último ponto que deve estar presente em uma pregação cristocêntrica nos salmos penitenciais é que Deus não rejeita o pecador que se apresenta quebrantado rogando por perdão. O Senhor Jesus é descrito como sendo aquele que “não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja” (Mt 12.20), como aquele que

⁴² HARMAN, Allan. *Salmos: Comentários do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 218, 219.

convida os pecadores falando: “vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28), e também fala que: “os são não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mc 2.17). Esses são apenas alguns textos que atestam a misericórdia de Cristo para aqueles que chegam diante dele reconhecendo que são pecadores e necessitados da sua graça.

Diante desse fato, fica claro que mais do que uma repetição de ritos religiosos o que Deus quer dos seus servos é um coração quebrantado. Essa verdade já está clara desde o Antigo Testamento. Os salmos 50.8-13 e 51.16 estão conectados por reconhecerem que Deus não se deleita em sacrifícios e holocaustos, mas aceita ações de graças de um espírito quebrantado (Sl 50.14,23; 51.17).⁴³ Davi afirma essa verdade, pois sabe que ele é cerimonialmente impuro e, portanto, incapaz de oferecer sacrifícios.⁴⁴ Mas, por meio da graça de Deus revelada na pessoa de Cristo, os pecadores podem chegar com confiança diante de Deus. Essa é a mensagem que deve estar presente em uma pregação cristocêntrica, orientando o crente penitente a buscar o perdão e a reconciliação com Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar sobre o tema proposto no presente trabalho se espera que essa coleção de salmos seja vista como anunciadora da salvação de Deus por meio de Cristo. É indispensável entender que esses salmos devem ser pregados tendo como fundamento Cristo como o redentor que perdoa os pecados dos homens penitentes. Esses salmos, mais do que desvelar o coração do servo de Deus que pecou, eles revelam a pessoa bendita de Cristo.

Dentro do contexto ministerial esses salmos servem para tratar das ovelhas de Cristo que sofrem com as dores das consequências dos seus pecados, sejam essas consequências apenas de ordem espiritual ou também de desajustes na realidade da sua vida. Dessa maneira eles são fundamentais para restaurar a vida espiritual dos servos de Deus que caíram em algum pecado.

ABSTRACT

⁴³ ROBERTSON, Palmer O. *A Estrutura e Teologia dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 108.

⁴⁴ ROSS, W. A. David's spiritual walls and conceptual blending in Psalm 51. *Journal for the Study of the Old Testament*, [s. l.], v. 43, n. 4, p. 607–626, 2019. DOI 10.1177/0309089218786097. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLAI190819001383&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2022. p. 623.

The penitential psalms have been an instrument of guidance and comfort for God's people in history, as they teach how to deal with the eventual breaking of God's Law and the search for restoration. In this context, it is necessary for christian preachers to know how to properly expound these texts, so that the church of Christ can be correctly guided on these portions of the Word of God and thus learn the way of restoration after sinning. The present article proposes to deal with the theology that guided the writers of these psalms, how the authors of the New Testament appropriated them to teach believers, and, finally, propose essential points for a Christian preaching in this collection of psalms.

KEYWORDS

Christocentric preaching; Penitential Psalms; Forgiveness of sins.

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, João F. *Bíblia Sagrada*. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Editora SBB, 1999.
2. Assembleia de Westminster. *Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.
3. BEALE, G. K.; CARSON D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
4. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática* (4ª edição). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.
5. BRUCE, F.F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2008.
6. CALVINO, João. *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.
7. CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2009.
8. CHAPPELL, Brian. *Pregação Cristocêntrica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
9. FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
10. FUTATO, Mark D. *Interpretação dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
11. HARMAN, Allan. *Salmos: Comentários do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.
12. HENDRIKSEN, William. *Romanos: Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.
13. HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento Jó a Cantares de Salomão*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.
14. KELLER, Timothy. *Oração: Experimentando Intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2016. p.30.
15. KIDNER, Derek. *Salmos 73-150: Introdução e Comentário aos Livros III e V dos Salmos*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1984.
16. MEISTER, Mauro. *Lei e Graça*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
17. MENDY, G. The theological significance of the psalm of lament. *American Theological Inquiry*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 61–71, 2015. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLAn3831242&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 30 ago. 2022.

18. MURRAY, John. *Romanos: Comentário Bíblico*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2016.
19. NICODEMUS, Augustus. *Caminhos da Fé: uma exposição dos salmos de romagem*. Goiânia: Estação da Fé, 2018.
20. PRICE, E. S. Comparing Sidney Greidanus and Abraham Kuruvilla on Preaching Christ from the Old Testament. *Trinity Journal*, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 69–93, 2018. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLAI58180630000565&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2022.
21. ROBERTSON, Palmer O. *A Estrutura e Teologia dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
22. ROSS, W. A. David's spiritual walls and conceptual blending in Psalm 51. *Journal for the Study of the Old Testament*, [s. l.], v. 43, n. 4, p. 607–626, 2019. DOI 10.1177/0309089218786097. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLAI90819001383&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2022.
23. TANNER, B. L. Preaching the penitential psalms. *Word & World*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 88–98, 2007. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0001555418&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2022.
24. VOS, Geerhardus. *Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.
25. WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os Salmos como Adoração Cristã: Um Comentário Histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.
26. WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os Salmos como Lamento Cristão: Um Comentário Histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2018. p.33.
27. WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume III, Poéticos*. São Paulo: Geográfica Editora, 2006.
28. YUILLE, J. Stephen. *Saudades de Casa: Uma Jornada Através dos Salmos dos Degraus*. Recife: Editora Os Puritanos, 2017.